

Demonstração de FORÇA

Economia-Brasil

Palocci esforça-se para dissolver boatos sobre mudanças na condução da economia e tranquilizar o mercado

DANIELE CAMBA

EPECIAL PARA O CORREIO

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, desdobrou-se o quanto pôde ontem para conter o pessimismo que vinha fazendo estragos no mercado financeiro. Num esforço para mostrar que quem manda da política econômica é ele e não há possibilidade de o presidente Lula ceder às pressões para mudar a rota traçada pela Fazenda, logo pela manhã, Palocci foi a um programa de tevê. De lá, seguiu para um café na casa do presidente da Câmara, João Paulo Cunha, com um grupo de políticos. E, na hora do almoço, concedeu entrevista coletiva à imprensa sem que nenhum assunto específico estivesse em pauta. Geralmente, Palocci só conversa com jornalistas quando tem um tema para explicar. Ontem, o tema da conversa foi livre, o que só acontece em momentos de crise.

Quem circulou nos últimos dias pelo Ministério da Fazenda identificou o nervosismo da equipe econômica diante da reação desastrosa dos investidores à manutenção da taxa básica de juros (Selic) em 16,5% ao ano. As críticas à postura conservadora do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central ecoaram de todos os lados. Mas ganharam dimensão além do esperado

por terem como protagonistas três ministros — José Dirceu (Casa Civil), Tarsó Genro (Educação) e Luiz Fernando Furlan (Desenvolvimento) — e o líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante.

Indagado sobre o possível racha no governo, Palocci foi enfático: "Não há questionamento sobre a política econômica. O que há é uma cobrança legítima para aproveitar o bom momento e fazer mais pelo crescimento. Isso é positivo. Mas eu tenho a responsabilidade de dar os limites". E acrescentou: "A rota da política monetária (queda nos juros) não muda e quem apostar contra o Brasil vai perder, como perdeu no ano passado". Apesar dos boatos de demissão de seus secretários Joaquim Levy (Tesouro Nacional) e Marcos Lisboa (Política Econômica), Palocci afirmou que os dois continuam firmes nos cargos.

A estratégia de Palocci surtiu efeito. Depois de cinco dias de queda, a Bolsa de Valores de São Paulo subiu 2,27%. O dólar também rompeu o ciclo de valorização e baixou 0,88%, cotado a R\$ 2,918. Já o risco Brasil caiu 2,66%, para 511 pontos. "Um dia é muito pouco para saber se o mercado recuperou a confiança no governo", destacou Álvaro Bandeira,

diretor da Corretora Ágora-Sênior. Por causa do medo de fragilização da equipe econômica, entre os dias 23 e 30 de janeiro, o risco-país aumentou 17,1%, a segunda maior alta entre os 19 países que compõem o índice Embi, calculado pelo banco americano JP Morgan. Ficou atrás somente do risco Peru (+23,4%).

O custo para a captação de recursos de empresas brasileiras no exterior também disparou. Em dezembro de 2003, estava apenas 4% acima da média dos países emergentes. Ontem, tinha subido para 22%. "Não dá para brincar quando o assunto é credibilidade", frisou o economista-chefe da Consultoria Global Station, Marcelo Ávila. A seguir, os principais trechos da entrevista de Palocci.

Juros e inflação

As críticas de alguns integrantes de governo recaem principalmente sobre a política conservadora de queda da taxa de juros. O ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, por exemplo, disse que a taxa de juros em dois dígitos

é exageradamente alta. Segundo Palocci, essas críticas não levam em consideração todo o movimento feito nos juros até agora, que é de queda. Ele afirma que o Banco Central suspendeu a queda temporariamente, mas a tendência continua sendo a de reduzir a taxa gradativamente. "Não há motivos para uma postura mais conservadora na expectativa de crescimento do país e na política monetária. Mudar de rumo agora seria incomprensível." O ministro lembrou que os últimos cortes na taxa de juros ainda não causaram reflexos na economia, porque esse movimento demora cerca de seis meses para acontecer. Apesar do tom altamente alarmista da ata da última reunião do Copom, disse estar tranquilo com a inflação, que estaria tendo um aumento passageiro.

exemplo), não são as pessoas mais amadas dentro do governo. "Confio totalmente no Levy e no Lisboa e na sólida formação deles."

Lua-de-mel

Nos últimos dias, o mercado financeiro brasileiro piorou e o risco-país superou a marca dos 500 pontos. Segundo Palocci, essa situação não está ocorrendo só no Brasil e muito menos significa o fim da lua-de-mel dos investidores com o país desde o início do governo Lula. "Essa não é uma piora verde-amarela. As moedas de todos os países emergentes se desvalorizaram e os riscos subiram." Conforme o ministro, esse é um sinal natural dos mercados, antecipando a possibilidade de o Federal Reserve (banco central dos Estados Unidos) subir juros antes do que se imaginava. Mesmo sem acreditar que um aumento nos juros americanos irá desencadear nova crise financeira, o ministro afirma que o país se preparou para vencer momentos externos difíceis.

"O Brasil está ganhando musculatura para enfrentar problemas." Ele citou a redução da dívida cambial, a melhora do perfil da dívida, o aumento das reservas e a renovação do acordo com o FMI como fatores que fortaleceram o país.

Autonomia do BC

A autonomia do Banco Central é um item importante para o mercado financeiro. Mas, recentemente, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, jogou um balde de água fria, afirmando que a autonomia do BC é uma inquietação de tese acadêmica". Segundo a cartilha do chefe, o ministro disse que a independência do BC não é uma medida urgente. Ele explicou que o assunto está em segundo plano porque o BC já trabalha com autonomia operacional, que não é o ideal, mas é satisfatório para esse momento.

Carga tributária menor

O ministro Palocci afirmou que o Brasil superou a meta de superávit primário (diferença entre as receitas e despesas do governo, excluindo o pagamento de juros da dívida) de 4,25% do PIB (Produto Interno Bruto) sem aumentar da carga tributária. "Pela primeira vez o ajuste não veio com aumento da carga tributária, mas com ajuste para dentro", disse, referindo-se ao corte de gastos públicos. Segundo o ministro, a carga tributária caiu 0,5% do PIB em 2003. Em 2002, a carga total (encargos federais, estaduais e municipais) chegou a 36,4% do PIB. Palocci afirmou que não aumentar os impostos pagos é uma regra de ouro deste governo, mas a queda será feita com serenidade.

Dívida pública

A dívida pública continuou subindo em 2003, mas o ministro garante que ela cairá já este ano, pela primeira vez em dez anos. Ano passado a dívida ultrapassou os 58% do PIB. Segundo o ministro, a queda será resultado, principalmente, do ajuste fiscal feito pelo governo Lula em seu primeiro ano de mandato.

Fogo amigo

A decisão do Banco Central de manter a taxa de juros em 16,5% ao ano, na última reunião do Copom, provocou uma onda de críticas por parte de alguns integrantes do governo sobre a condução da política monetária, que estaria impedindo um crescimento maior da economia. O ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, chegou a fazer projeções para a taxa básica de juros. Ele disse que, em dezembro, a Selic deve estar na casa de 12,5% ao ano. Apesar da intrusão da área política, Palocci garantiu que "não há questionamentos dentro do governo sobre a política monetária." Para ele não há motivos para discussões sobre a condução da economia e o ritmo de crescimento do país. O que existe, segundo Palocci, é um sentimento, legítimo, de que o país, por estar melhorando, tenha condições de fazer ainda mais, referindo-se à queda da taxa de juros e ao crescimento da economia. "No entanto, há uma distância entre a vontade e a possibilidade do que se pode fazer. O país melhorou, saiu da UTI, mas ainda precisa de um tratamento longo."

